

» Entrevista | **JOSÉ SARNEY** | EX-PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Testemunha da gênese de Brasília e primeiro deputado federal a se transferir para a capital, Sarney celebra o espírito desbravador da cidade erguida por JK

# “Cumpríamos o sonho de muitos estadistas”

» ANA DUBEUX  
» CARLOS ALEXANDRE DE SOUZA

**N**a extensa biografia de José Sarney, há um episódio que contém significado especial neste 21 de abril, aniversário de Brasília. Ele foi o primeiro deputado federal a se mudar para a nova capital, construída em meio à forte resistência de muitos políticos da época. Eleito em 1958 pela União Democrática Nacional (UDN), Sarney chegou a Brasília quando tudo era pó e construção, sonho e esperança por um novo tempo para o Brasil. “É com emoção que lembro o passado da minha vinda para Brasília, como o primeiro deputado que ousou ter essa experiência”, relata o ex-presidente nesta entrevista ao **Correio**. “A gente via nascer do nada prédios, estradas, avenidas, sem que revelassem o caos da construção que, afinal, é esta cidade, que o mundo inteiro quer visitar para ver o talento brasileiro no desenho arquitetônico de Oscar Niemeyer e Lucio Costa”, conta Sarney, que celebrará 94 anos nesta quarta-feira. O espírito desbravador da epopeia brasiliense ainda encanta o ex-presidente, passadas mais de cinco décadas desde a chegada ao Planalto Central. Para ele, Brasília representa “o gosto de aventura e sonho, que flutua em todos que escolheram este chão para cumprir seus destinos e sua vida”. Leia, a seguir, os principais trechos da entrevista.

**Brasília ainda é o berço da democracia brasileira, 60 anos após o golpe de 1964 e o 8 de janeiro?**

A democracia está associada ao nascimento do nosso país. O berço da democracia brasileira vem do patriarcado da Independência, que, na Constituição de 1823, propôs que o Brasil escolheria seu destino como um país de construção civil, ao contrário dos países espanhóis, que nasceram de batalhas, como a de Ayacucho. Nessa época, José Bonifácio fez a primeira referência à mudança da capital do país para o interior, obra que Juscelino Kubitschek concretizou em nosso tempo.

**Brasília cumpre o papel de guardiã da democracia?**

A democracia deve ser defendida por todos os brasileiros, e especialmente pelo Supremo Tribunal Federal, a quem a Constituição entregou a responsabilidade de sua própria guarda (caput do art. 102).

**Que poema ou verso resumiria Brasília?**

Ninguém tem o direito de retirar do presidente Juscelino suas palavras no Ato do Lançamento da Pedra Fundamental desta capital, no discurso cuja estrutura é creditada a Augusto Frederico Schmidt: “Deste Planalto Central, desta solidão que em breve se transformará em cérebro das altas decisões nacionais, lanço os olhos mais uma vez sobre o amanhã do meu país e antevejo esta alvorada com fé inquebrantável em seu grande destino.” Juscelino Kubitschek de Oliveira, 2 de outubro de 1956.

**Como foi sua experiência de vida em ver a cidade nascer, crescer e ter a dimensão que Brasília tem?**

É com emoção que lembro o passado da minha vinda para Brasília, como o primeiro deputado que ousou a experiência de mudar para a nova capital. Era terra e cerrado nos redemoinhos que levantavam nuvens de poeira, e a gente via nascer do nada prédios, estradas, avenidas, sem que revelassem o caos da construção que, afinal, tornou-se esta cidade, que o mundo inteiro quer visitar para ver o talento brasileiro no desenho arquitetônico de Oscar Niemeyer e Lucio Costa. Até o lago era mistério, e Gustavo Corção dizia que

Ed Alves/CB/D.A Press



**A consolidação de Brasília é feita a cada dia pelo povo brasileiro, que hoje vive a realidade deste sonho. Lembro Jorge Luís Borges quando dizia que realizar um sonho é construir um pedaço da sua própria eternidade”**

não encheria. Meu primeiro apartamento foi na 105 Sul, a única quadra que estava pronta e recebia os deputados vindos do Rio — a maioria de cara fechada, pois era contrária à transferência.

**O que lembra do clima político em relação à nova capital?**

Da Bancada da UDN, os que apoiavam Brasília eram poucos, todos do Nordeste, Norte e Centro-Oeste: Emival Caiado, relator do projeto, goiano, muito meu amigo, que gostava do título de ter sido o primeiro galã do cinema brasileiro; Ferro Costa, do Pará; João Agripino, da Paraíba, e eu — pedindo desculpas aos outros que também foram a favor.

**Qual foi a primeira impressão que o senhor teve da cidade?**

Eu vivi ainda na aventura da construção, como estudantes que moravam em repúblicas e participavam dessa aventura com os olhos no futuro. Nossa presença aqui nos dava a certeza de que cumpríamos um sonho de muitos estadistas de nossa história.

**Por que escolheu morar aqui mesmo com raízes históricas no Maranhão?**

Moro no Maranhão, mas hoje divido a residência com Brasília, escravizado na velhice. Mais da metade da minha vida foi passada aqui em Brasília, onde fui senador por 40 anos, deputado federal por 5 anos — já cumpriria 7 anos de mandato no Rio de Janeiro — e vice-presidente e

presidente da República por cinco anos, tempo que carregou o título de ser o político com a mais longa carreira do país.

**Quando chegou aqui imaginou que seria presidente da República nesta cidade?**

Não. Isso só ocorreu pelo destino, conduzido por Deus, que botou a mão em minha cabeça e me deu grandes responsabilidades, inclusive, a da transição democrática de um regime autoritário para uma democracia, a segunda do mundo Ocidental pelo número de eleitores, com a liberdade e a força das nossas instituições, capazes de superar dois impeachments de presidentes da República e tentativas de romper a ordem constitucional, sem esquecer que convoquei a Constituinte e fui o primeiro a jurar a Constituição de 1988.

**O senhor também fez críticas à mudança da capital do Rio para Brasília?**

Não. Ao contrário, fui um dos poucos que, dentro da UDN, apoiou a construção de Brasília. Isso me custou algumas incompreensões dentro do próprio partido, em que eu já era vice-líder.

**Acha que o Plano de JK de interiorizar o país deu certo?**

Sim. Hoje se levanta, neste Brasil Central, o maior polo de crescimento do país, sugando uma grande corrente de emigração e atraindo a construção de projetos industriais e agrícolas,

que despontam em expansão o sonho de muitos brasileiros.

**O senhor concorda com a tese de que foi o regime militar que consolidou Brasília como capital da República?**

Fui testemunha do pensamento do presidente Castelo Branco de total apoio à transferência da capital, prosseguindo no projeto que estava em curso, que realizou esta grande obra. A consolidação de Brasília é feita a cada dia pelo povo brasileiro, que hoje vive a realidade deste sonho. Lembro Jorge Luís Borges quando dizia que realizar um sonho é construir um pedaço da sua própria eternidade.

**Brasília se transformou naquilo que o senhor imaginava quando chegou aqui?**

Fui o primeiro deputado a desembarcar suas malas na cidade e nunca pensei que, na Presidência da República, em 1987, tivesse a felicidade de transformá-la em Patrimônio da Humanidade.

**O que o senhor acha mais lindo em Brasília?**

Dos edifícios, a Catedral, com as mãos postas, elevadas para o céu, em cimento, expressando a fé do povo brasileiro.

**O que da Brasília de ontem se mantém até hoje?**

O gosto de aventura e sonho, que flutua em todos que escolheram este chão para cumprir seus destinos e sua vida.

## NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



luizazedo.df@dabr.com.br



## A luz do poeta Joaquim Cardozo na arquitetura de Brasília

João Cabral de Melo Neto escreveu um lindo poema em homenagem ao também poeta e engenheiro Joaquim Cardozo, parceiro de Oscar Niemeyer e Lucio Costa na construção de Brasília. Inspirou-se em Diego Velásquez, um pintor barroco do século XVII e principal artista da corte do rei Filipe IV da Espanha, que abriu as portas para o realismo e o impressionismo de Édouard Manet, Pablo Picasso e Salvador Dalí. Sua obra-prima é *Las Meninas* (1656), que se encontra no Museu do Prado, em Madrid.

A síntese da obra de Velásquez é o foco de luz num mundo sombrio, com o qual João Cabral homenageia o grande calculista do concreto armado de Brasília. “Escrever de Joaquim Cardozo/só pode quem conhece/ aquela luz Velásquez/de onde nasceu e de que escreve / A luz que das várzeas da Várzea/ onde nasceu, redonda /vem até o ex-Cais de Santa Rita/ que viveu: luz redoma, / luz espaço, luz que se veste, / leve como uma rede, / e clara, até quando preside/ o cemitério e a sede”.

O que seria da luz de Brasília sem seu traçado e o concreto armado, em meio ao Cerrado? Sim, a luz de Cardozo veio do Recife e lembra Velásquez, mas encontrou seu espaço no cálculo dos grandes palácios que encantam o mundo e faz do Plano Piloto uma cidade única e até hoje futurista. São de Joaquim Cardozo os cálculos estruturais da maioria dos prédios icônicos da capital federal, que hoje completa 64 anos.

Muito ligado a Manuel Bandeira e ao próprio João Cabral, Cardozo também era um grande poeta, o que o levou à Academia Brasileira de Letras. Nasceu no bairro do Zumbi, no Recife, em 26 de agosto de 1897. Era filho do bibliotecário José Antônio Cardoso e Elvira Moreira Cardoso. Foi no Ginásio Pernambucano do Recife, para onde viajava todo dia de trem, pois morava em Jaboatão, que se aventurou pela literatura, no jornal *O Arrabalde*.

Sua poesia “Os mundos paralelos” reflete a vida dupla de poeta apaixonado e frio calculista de grandes espaços vazios sob concreto: “Todos os meus atos são atos reflexos/ No projetivo espelho tempo/espaço, no fechado não denso / Correspondência injetiva, deprimente, fria, de interno entorno (...)/ No que aqui é doce, no paralelo é amargo”. Viviu num mundo só dele, como acontece com muitos em Brasília.

### Um grupo de amigos

Muitos arquitetos vieram para Brasília com Niemeyer. Deixaram suas marcas na cidade. O próprio Lucio Costa, responsável pelo conceito urbanístico de cidade-parque, hoje plenamente consolidado, projetou a Torre de TV e a Rodoviária do Plano Piloto, marco zero da capital, que precisa ser revitalizado. É por ela que a vida banal dos moradores do Distrito Federal se conecta com a arquitetura monumental. Brasília é fruto da imaginação diante das pranchetas e dos cálculos de engenheiros projetistas.

Marcílio Mendes Ferreira, Hélio Uchôa, Eduardo Negri, Milton Ramos, Stélio Seabra, Marcelo Graça Couto, Sérgio Rocha e outros arquitetos deixaram suas marcas impressas em concreto, na singularidade das fachadas, nos pilotis, na distribuição interna dos espaços, nas janelas e nos basculantes. Identificar a autoria dos prédios de Brasília, de certa forma, valoriza os imóveis. É o caso da 105 Sul, com dez blocos projetados por Uchôa, que trabalhou no escritório de Lucio Costa, com suas esquadrias e venezianas de madeira.

Nauro Esteves, chefe do Departamento de Arquitetura e Urbanismo (DAU) da Novacap, braço direito de Niemeyer, projetou o Conjunto Nacional, o Hotel Nacional, o Palácio do Buriti e a sede da Polícia Militar (no Setor Policial Sul). São dele também o bloco duplo JK, da SQS 112, com a fachada revestida em esmalte azul e partilhas brancas, as superquadras Sul 403, 406, 407, 410, 411 e 413 e os prédios com apartamentos de três e quatro quartos da SQS 115 e na SQN 102.

O mineiro Marcílio Mendes Ferreira, funcionário do Departamento de Engenharia da Caixa Econômica Federal, projetou o Bloco C da 210 Sul, o bloco C da SQS 312 e o K da 203. São apartamentos disputadíssimos, com 221 metros quadrados. João Filgueiras Lima, o Lelé, outro representante do modernismo brasileiro, projetou os blocos pré-fabricados do Minhocão da Universidade de Brasília, um símbolo da UnB, e dos hospitais da Rede Sarah e de Taguatinga.

O nome dos bloquinhos vazados de cimento que são uma característica dos prédios clássicos do Plano Piloto, inclusive, na famosa quadra modelo 308 da Asa Sul, são as iniciais dos pernambucanos Amadeu Oliveira Coimbra (co), Ernest August Boeckmann (bo) e Antônio de Góis (go), donos de uma fábrica de tijolos. Hoje são uma marca de Brasília, filtram o sol escaldante e permitem a circulação de ar nos edifícios, ao lado das icônicas andorinhas dos azulejos de Athos Bulcão.

Izabel Cristina/CB/D.A Press



Sarney desembarca em Brasília após última viagem internacional como presidente, em 1990